

STORYTELLING COMO RECURSO DIDÁTICO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS EM ESCOLA PRIVADA

Emanuelle Garces Felisbino¹

Antonio Luiz Gubert²

Resumo

Este estudo tem como objetivo expor a importância da técnica *storytelling* (contação de história) no ensino/aprendizagem da língua inglesa para crianças não alfabetizadas na língua materna, não apenas como instrumento de aprendizagem, mas também uma fonte de entretenimento e informações. O artigo apresenta aspectos da didática no ensino da língua inglesa para alunos de 5 a 6 anos coletados por meio de relatos de experiência com uso do *storytelling* em videoaulas de uma escola privada de idiomas no município Xaxim-SC. Tem como objetivo analisar em que medida o uso de histórias auxilia no processo ensino/aprendizagem da língua estrangeira (doravante LE), conhecer o que é *storytelling*, analisar a importância da utilização de histórias no desenvolvimento do ensino/aprendizagem da LE, apresentar a facilidade que a técnica tem em novos vocabulários em uma segunda língua para aprendizes de 5 a 6 anos.

Palavras-Chave: Storytelling; língua estrangeira; recurso pedagógico.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objeto de estudo perceber de que forma a *Storytelling* contribui no processo de ensino/aprendizagem de Língua Inglesa para as crianças de 5 e 6 anos.

A comunicação auxilia os seres humanos a amenizar distâncias e aproximarem-se, os meios de comunicação são uma ferramenta que auxilia na comunicação social. Esse meio sofre algumas transformações conforme o progresso

¹ Aluna do curso de Especialização em Concepções Multidisciplinares de Leitura do Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Xanxerê. emanuellegarces@gmail.com

² Orientador. Doutor em Letras Professor do Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus Xanxerê. antonio.gubert@ifsc.edu.br

da sociedade, assim amenizando a distância dos povos e agilizando a transmissão de informações. Na educação, não é diferente. Nesse sentido, a aprendizagem de uma língua estrangeira é indispensável, fundamental nesse meio tão globalizado.

Os adultos convivem todos os dias com palavras estrangeiras em filmes, séries, produtos, comidas, jogos entre muitas outras. Com as crianças, não é diferente. Aliás, as crianças têm uma facilidade maior de aprendizagem a um segundo idioma, especialmente quando no ensino são utilizadas atividades lúdicas e criativas.

As vantagens em estudar a língua estrangeira na infância são várias, entre elas: aprendizado simultâneo com a língua materna; melhoria no rendimento escolar global; fluência precoce; estímulo cognitivo; desenvolvimento comunicacional; criatividade aguçada; melhoria da concentração; ajuda na socialização, entre outras.

Uma das técnicas que podem ser utilizadas para a aquisição de uma segunda língua é o *storytelling* (em livre tradução, "story" significa história e "telling", contar = ou seja, contar uma história). A técnica, no entanto, é muito mais que "contar uma história": tem como propósito fazer que os receptores assemelhem-se com a narrativa. Narrar fatos ajuda na fixação do conhecimento transmitido com a história contada, motivação, ensina valores, morais, culturais e traz experiência humana, além de desenvolver o aprendizado de forma natural e lúdica.

Vários estudiosos como Aguiar (2001), Mckee (2013), Prieto (1999), Pennac (1993), Wright (1995), Caligaris (2005), Moon (2005) defendem que esse método traz a oportunidade de desenvolver e melhorar o ensino/aprendizado, conseguindo trabalhar através dela vários aspectos da vida da criança, bem como aspectos emocionais e cognitivos, assim potencializando e facilitando o aprendizado. O *storytelling*, além de proporcionar o aprendizado de novos vocabulários, é uma grande aliada na aproximação dos alunos com seus colegas. Por isso, na educação infantil em CEIM (Centro de Educação Infantil/ Creche) é usada diariamente, como rotina nas aulas. Devido ao fato e ao conhecimento de que crianças com a idade de 5 a 6 anos ainda não alfabetizadas na língua materna estão tendo cada vez mais aulas de inglês, emergiram a necessidade e o interesse da pesquisa nesta área, a qual pode resultar em um melhor rendimento das aulas de LE com o ensino/aprendizagem.

Utilizando o *storytelling*, é possível aproximar os alunos do conteúdo proposto

na aula, independente de qual seja. As histórias são contadas com uma mescla de parte teórica com a prática, de modo a aproximar o aluno do conteúdo facilitando o ensino/aprendizagem do conteúdo proposto.

É importante ressaltar que o *storytelling* é mais que uma simples técnica que auxilia o ensino/aprendizado durante a aula, é também um grande aliado no aspecto social da língua, contribuindo consideravelmente para o início de uma visão mais crítica do mundo (conhecimentos gerais), construção de opiniões a partir de situações que ocorrem nas histórias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção apresentam-se os teóricos que guiam este estudo, que abordam a importância do *Storytelling* no processo de ensino/aprendizagem da LE e a aquisição da linguagem de uma segunda língua. Apresenta a fundamentação do trabalho com o apoio em pesquisas feitas por vários autores sobre o *Storytelling* e a Aquisição da linguagem.

2.1 Aquisição da linguagem no processo de ensino/aprendizagem de uma segunda língua

As crianças ainda não alfabetizadas na língua materna estão cada vez mais inseridas em escola de idiomas para o aprendizado de uma segunda língua. Sendo assim, é necessário compreender alguns conceitos que estão envolvidos na aquisição de uma segunda língua para crianças.

De acordo com Parot (1978), a teoria de Piaget (1932-1977) revela que a evolução da linguagem depende da evolução cognitiva da criança. O trabalho da Escola Psicolinguística de Genebra traz um exemplo: “a estrutura passiva, que implica uma inversão na ordem das palavras do ativo, não seria adquirida senão no momento em que a criança atingisse o estado de reversibilidade.” Portanto, para Piaget (1932-1977) o que define a evolução da linguagem é a evolução cognitiva. Ainda conforme Parot (1978) Piaget explica a evolução cognitiva: a experiência do mundo (conhecimentos gerais), a maturação, o meio social e o equilíbrio são fatores que influenciam em seu progresso.

Para Chomsky (2004, p. 237 - 238):

O próprio conceito de uma língua é uma idealização de muito longo alcance. Não existe conceito linguístico de língua. Tomemos a noção de “coreano”. Não existe uma noção que possa ser definida linguisticamente, e somente um amalgama de sistemas mais ou menos semelhantes que se misturam nas mentes das pessoas.

Brito (2011) cita que Hunt e Ellis (2004) entendem que a linguagem é uma capacidade cognitiva natural de cada ser humano, compreendendo e produzindo números infinitos de enunciados. Ainda, que os autores sobre a aquisição e o uso das línguas naturais as entendem sob uma perspectiva mental subjacente. Brito salienta que para Hunt e Ellis (2004) todo ser humano ou indivíduo tem uma língua diferente dos demais. Já Wandruska (1979) defende que todo o ser humano tem condição de multilíngue, por mais que fale uma só língua. O autor também defende o ser humano tem o controle sobre a língua-padrão, dialetos e diversos registros.

Makoni e Pennycook (2007, p. 22), no estudo de multilinguismo individual, ressaltam que:

Sem estratégias de desinvenção, a maioria das discussões sobre direitos linguísticos, ensino de língua materna, ou trocas linguísticas reproduzem o mesmo conceito de língua que sustenta todo o pensamento linguístico em voga; o multilinguismo poderá, portanto, tornar-se uma pluralização do monolinguismo.

Os autores ao usarem a palavra *desinvenção*, dão a ideia que as línguas e seus conceitos são uma *invenção*, não estão dentro da realidade e afirmam que o desenvolvimento de conceitos novos sustentam as disciplinas linguísticas.

Brito (2001) fala que os multilíngues possuem uma natureza complexa ao realizarem suas línguas. A várias razões que tornam uma pessoa multilíngue, quando utilizam suas línguas da forma desejada, seu grau de proficiência pode variar de uma língua para outra, podendo ficar instável com o tempo, a razão que cada pessoa usa a língua também varia.

Els Oksaar (1980, p. 43) cita que:

Eu descrevo o multilinguismo funcionalmente. Ele exige que o multilíngue possa mudar de uma língua para outra, com certa facilidade, quando é necessário. As condições de uso de cada língua, nessas situações, podem ser variadas – de acordo com a estrutura do ato comunicativo, numa delas pode ser utilizada uma forma menos eloquente, e na outra mais.

Essas definições nada mais são, portanto, que a organização de uma rotina nas atividades executadas nas línguas e a facilidade em mudar de uma língua para

outra.

Brewster, Ellis e Girardi (2002) salientam que a segunda língua (devorante L2) é adquirida com mais facilidade na infância, especialmente até os doze anos. Após os doze, anos encontra-se mais dificuldades na aquisição

Quando se trabalha no ensino da L2 para crianças ainda não alfabetizadas na língua materna, é necessário que o professor leve em conta o tempo de exposição à língua-alvo, qualidade e a variedade desta exposição, adequação dos objetivos no contexto de ensino (Mckay, 2006). Deve-se levar em conta que o professor tem um tempo curto de atenção das crianças e leva a distração onde esquece facilmente o que foi ensinado.

Brown (1994) ressalta que, para crianças, o ensino da LE não pode ser a gramática da língua-alvo, considerando que as crianças não têm uma maturidade cognitiva para atender as normas e conceitos abstratos.

Para Cameron (2003) a criança se encontra, ainda, em fase de desenvolvimento da alfabetização em sua própria língua, sendo essa aprendizagem, assim como a da leitura e da escrita em nova língua, processos lentos e gradativos, que tendem a se consolidar somente na adolescência. Dessa forma, entendemos que, principalmente, no que diz respeito ao ciclo 1 (1º e 2º anos), períodos em que as crianças não apresentam ainda um desempenho amadurecido frente a tais habilidades, o ensino com foco especificamente voltado à leitura e à escrita em LE deve ser precedido por uma avaliação minuciosa e cautelosa do contexto em que o processo ensino-aprendizagem decorre.

Mesmo que o ensino da escrita e da leitura seja cauteloso nos anos iniciais, em que as crianças estão na fase de alfabetização, não precisa ser focado no processo de ensino/aprendizagem. Não é necessário sobrecarregar as crianças com frases escritas da nova língua ensinada ou mesmo com expressões, podendo-se lançar mão de várias outras maneiras de ensinar uma segunda língua de modo mais divertido e conseguindo melhores resultados.

Brown (2001) destaca sobre dois tipos de motivação para o aprendizado: a intrínseca e extrínseca. A intrínseca é despertada por sentimentos de determinação pessoais e competência. A extrínseca acontece por causa da espera de recompensas externas. Para o autor, é adequado o desenvolvimento da intrínseca e extrínseca no processo de ensino/aprendizagem de uma segunda língua. Usando-as

se torna dependente o ganho de recompensas. Luz (2003) e Khan (1995) concordam com o uso da motivação nas aulas de uma segunda língua.

Cameron (2001) defende que é normal dividirem em quatro habilidades a linguagem, que são: ouvir, falar, ler e escrever, para daí sim adicionar o ensino da gramática, do vocabulário e da fonologia ao processo. Cameron (2001) também ressalta que a criança "busca o sentido em como a língua é usada na ação, na interação e com uma intenção"; ou seja, a criança não procura formas linguísticas e sim um propósito real que traga sentido.

Vygotsky (1984) defende que a língua oral para as crianças é o meio por qual a língua nova é encontrada, entendida, praticada e aprendida. Portanto, a oralidade não é só um aspecto do ensino/aprendizagem de uma língua, mas torna-se um papel primário para o desenvolvimento da criança no ensino/aprendizagem de uma nova língua.

Cameron (2001) afirma que as habilidades orais compõe-se por dois níveis que são: discurso e vocabulário, ambos sempre alinhados no sentido e no uso. No discurso, a linguagem seguidamente acontece em unidades discursivas que são mais extensas que a sentença.

Brewster, Ellis e Girard (2002), comentando sobre o ensino da pronúncia, tonicidade, ritmo e entonação, prática de sons isolados, ressaltam o uso da oralidade em situações reais, portanto em um diálogo proposital. Os autores reforçam que, para a criança, o ensino de vocabulários precisa ser considerado, uma vez que elas devem estar vivenciando o processo de aquisição, conceitos e juntamente ampliando o seu vocabulário. Os autores também seguem a linha de pensamento de Cameron (2001) quando citam que a aprendizagem de vocabulários abrange várias formas de conhecimento, uma delas é o metalinguístico. Ainda reforçam que estabelece uma continuação que desenrola pelo resto da vida.

No tocante aos vocabulários, existe uma dúvida sobre a quantidade de palavras que podem ser ensinadas. Brewster, Ellis e Girard (2002) afirmam a quantidade de quinhentas por ano, sendo adaptadas em vários contextos no ensino/aprendizagem. Os autores defendem que é necessário levar em consideração alguns fatores quando se fala de ensino de vocabulários, como a facilidade que o professor atribui o vocabulário ensinado, tamanho das palavras, a carga da semântica, e o sentido das palavras para as crianças. Os autores trazem

algumas técnicas que facilitam na hora de ensinar os vocabulários, dentre elas são: desenhos, objetos concretos, fotos, figuras, ilustrações, técnica corporal e verbal, sentido como: sentir, tocar e da tecnologia.

Diante de todas essas considerações a respeito da aquisição da linguagem, conclui-se que as crianças adquirem com mais facilidade uma segunda língua na infância. No caso de crianças ainda não alfabetizadas na língua materna, eles estão no processo de desenvolvimento da própria língua, assim estando na fase de desenvolvimento de uma segunda língua também. No trabalho da aprendizagem de uma segunda língua na infância não alfabetizada na língua materna, precisa ser levado em considerações o tempo de exposição desta língua, qualidade e variedade e que é preciso expor dentro de um contexto para melhor entendimento e não ocorrer distração das crianças.

2.2 A técnica *storytelling*

A utilização da técnica *storytelling* na educação infantil CEIM é vista como uma grande aliada no processo ensino/aprendizado. Para professores da educação infantil, portanto, é uma prática indispensável e se tornou rotina no dia a dia.

Segundo Santos (2009), devido à globalização houve a necessidade do domínio de língua inglesa principalmente em tenra idade³. Junto com esse aumento, surgiram dúvidas de que forma trabalhar no ensino de uma segunda língua com crianças. Professores procuravam um método para contribuir no aprendizado dela, que trouxesse aos alunos alguns momentos de alegria, empolgação e imaginação na hora da aprendizagem.

Na saga da procura por algum método para auxiliar nas aulas, destacou-se o uso de histórias infantis, especialmente no aprendizado e na alfabetização da língua materna. Considerando que no ato de contar uma história havia aprendizado e tornava as aulas dinâmicas, com momentos de alegria, empolgação e imaginação como o que estavam a procura, dali em diante utilizaram o mesmo método no ensino de uma segunda língua,

Com o *storytelling*, é possível ter contato com o conteúdo de contos, contos de fadas, fábulas e poesias a partir de uma só técnica e ainda incluir as aulas de

³ Designação para crianças de poucos anos.

inglês para crianças não alfabetizadas na língua materna (alunos de 5 e 6 anos), sendo possível deixar a aula mais atrativa e prazerosa. Não esquecendo os efeitos positivos que os *students* têm em contato com a *storytelling* e a facilidade no desenvolvimento da aprendizagem de novos vocabulários.

Para Aguiar (2001, p. 77),

A literatura infantil lida com a compreensão do real e pode conceder ao pequeno leitor a possibilidade de desdobramento de suas capacidades afetivas e intelectuais, desde que bem-adaptada às condições da criança.

Ainda, segundo Aguiar (2001), o livro infantil deve ser utilizado de uma maneira especial pela importância e presença que tem na vida da criança, que orienta na sua formação. A partir do momento que a literatura começa a ter a necessidade e o interesse do seu ouvinte ou leitor, “transforma-se num meio de acesso à realidade e facilita a ordenação das experiências existenciais do sujeito” (AGUIAR, 2001, p. 79).

Segundo Mckee (2013), enquanto você brinca com a forma da estória, seu espírito intelectual e emocional evolui. Se o conteúdo for clichê⁴, a narração será clichê. Mas se sua visão for profunda e original, o formato da estória será único.

Como a técnica será trabalhada com crianças de 5 a 6 anos, não é conveniente ser utilizado o método tradicional da *storytelling*, em que o(a) *teacher* lê a *story* e mostra as imagens. Isso dispersa a atenção e os olhares dos alunos, certamente não deixando os *students* interessados na história e muito menos nos vocabulários que o(a) *teacher* quer transmitir e ensinar com o conteúdo da leitura.

Na idade de 5 a 6 anos, no ensino/aprendizagem da língua inglesa, é muito complicado ensinar a gramática às crianças, porque elas não conseguirão compreender plenamente o conteúdo e irá ser algo mais decorado do que realmente compreendido. Exatamente por esse motivo, na idade de 5 a 6 anos é trabalhado mais o ensino/aprendizagem de vocabulários em inglês e, como aliado, o *storytelling* surge para facilitar.

Segundo Prieto (1999, p. 41):

Em plena virada de milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um desígnio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do

⁴ Frases sem originalidade; expressão que peca pela repetição, pelo lugar-comum; banalidade repetida com frequência.

porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória.

A *storytelling* também assume a responsabilidade de transmitir memória coletiva. *Stories* lidas, contadas, ouvidas, imaginadas, de vários gêneros, sempre estiveram presentes na lembrança e na vida de qualquer pessoa, exemplo disso são *stories* como Chapeuzinho vermelho e/ou Os três porquinhos, que já fizeram parte da vida da maioria dos adultos e são contadas também em casa, passando de pai para filhos.

Para Pennac (1993, p. 124):

[...] ler em voz alta não é suficiente, é preciso contar também, oferecer nossos tesouros, desembrulhá-los na praia ignorante. Escutem, escutem e vejam como é bom ouvir uma história. Não há melhor maneira de abrir o apetite de um leitor do que lhe dar de farejar uma orgia de leitura.

Entende-se que, ao ouvir a contação de histórias, as crianças as relacionam com a sua vida, a sua realidade, dando sentido e tendem a querer resolver situações que os personagens estão enfrentando. Segundo Coelho (1997), com o *storytelling* torna-se mais fácil de informar, socializar, educar e também chamar a atenção da criança, a aquietando. Além disso,

a autoidentificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma desincorporar a arte à vida [...]. (COELHO, 1997, p. 12)

Wright (1995, p. 3), afirma que:

Todos nós precisamos de histórias para nossas mentes tanto quanto precisamos de comida para nossos corpos (...). Histórias são particularmente importantes nas vidas de nossas crianças: histórias ajudam as crianças a entenderem seu mundo e a compartilhá-lo como outros. A ânsia das crianças por histórias é constante. Sempre que elas entram na sala de aula, elas entram com necessidade de histórias.

Nesse sentido, Caligaris (2005) afirma que contos infantis são instrumentos para o conhecimento do mundo, funcionam como atividades narrativas graças aos quais crianças entende a complexidade das relações e dos afetos e cria estratégias possíveis de ação. A técnica do *storytelling*, então, possibilita uma construção de opiniões e escolhas, criação de uma visão crítica, relacionando situações e

acontecimentos e também construção da identidade, a partir do conhecimento das situações apresentadas nas narrativas.

Moon (2005) destaca que as *stories* fornecem contextos significativos para que as crianças sejam expostas a insumo linguístico e que, através delas, os estudantes vão encontrar novas palavras e estruturas. A contação de histórias proporciona mais que uma aprendizagem de novos vocabulários na língua inglesa. A partir do momento em que o professor organiza os alunos para conta-la, acaba ocorrendo um evento social, onde o professor consegue interagir de forma dinâmica e em conjunto com os alunos. Nesse caso, para o ensino da Língua Inglesa, é recomendado o uso do *storytelling*, principalmente para os itens lexicais contextualizados, assim como um recurso em conjunto como prática socializadora. O professor e o aluno, devem ser grandes aliados no trabalho (aprender e ensinar).

Donato (1994) cita que os alunos são bem sucedidos ao se engajarem em atividades com seus pares, pois eles ajudam uns aos outros durante a atividade proposta, sem depender da interferência do professor. Quando é trabalho em conjunto, o aprendizado e o ensinamento fluem e se torna mais eficaz. Importante destacar que é preciso que dividam um sentimento de intimidade – a *storytelling* permite essa aproximação entre o professor-aluno. Scott & Ytreberg (1990) sugerem que os docentes abram espaço para a troca de experiências, pois elas são uma inestimável fonte de aquisição de linguagem.

Com relação aos aspectos linguísticos envolvidos na técnica *storytelling*, Bussatto (2003) afirma que a formação de identidade se baseia na construção linguística. Leitão (2014) informa que:

O trabalho com *storytelling* é mais do que um simples trabalho de reprodução, é um processo amplo que possibilita reforçar vários aspectos da língua e que permite trabalhar as quatro macro-capacidades: compreensão oral (*listening*), expressão oral (*speaking*), expressão escrita (*writing*) e compreensão escrita (*reading*), e acima de tudo permite contribuir significativamente para a formação de uma visão do mundo do aluno mais crítica e reflexiva no momento em que ele se posiciona dando a sua opinião em determinadas situações-problemas que, frequentemente, aparecem nas histórias/ contos. Assim sendo e de forma quase que inconsciente, através do *storytelling* o aluno é exposto perante a LE de uma forma [...] em que ele assimile significados e construa-os na sua reprodução em atos de fala (LEITÃO, 2014, p. 9 - 10)

A técnica *storytelling*, portanto, não tem que ser apenas uma atividade que traz descontração e animação, mas sim como um facilitador para a aprendizagem

das crianças com a língua inglesa (devorante LI). Wrigth (1995) salienta que o domínio das habilidades envolvidas no processo de ensino/aprendizagem de uma LE é fundamentado na atitude positiva e na habilidade de buscar e dar significado de acordo com a posição que cada um abrange na sociedade.

Segundo Wright (1995), as histórias são necessárias na infância, contempladas por temas, portanto auxiliando no progresso de aprendizagem da língua. O autor também considera a competência delas no ensino/aprendizagem da LE, por ter aspectos que são significativos, já que a criança escuta com uma finalidade, entendendo todo o enredo da história proposta – e, se for um texto de língua inglesa, a história se torna também o instrumento de ensino da segunda língua.

Diante dessas considerações sobre o *storytelling*, conclui-se que ela é importante no ensino/aprendizagem de uma segunda língua, teoricamente ouvir uma história no ensino de uma língua por meio da contação de histórias consegue motivar e potencializar a eficácia do conteúdo proposto.

3 METODOLOGIA

Conforme Gerhardt e Silveira (2009) esta pesquisa é quali-quantitativa e de caráter exploratório, pois tem o foco em buscar compreender o fenômeno a partir de sua análise.

Para melhor entendimento da experiência do *storytelling* na aprendizagem de uma segunda língua para crianças não alfabetizadas, foram realizadas aulas tradicionais e aulas com a técnica *storytelling*, para coleta de dados e comparação sobre a eficácia dos métodos. A coleta de dados foi através de relatório descritivo dos pais dos sujeitos pesquisados, os quais autorizaram a coleta de dados desta pesquisa.

Os dados foram obtidos a partir da coleta de informações de alunos de um curso de inglês, com idade entre 5 e 6 anos, ainda na fase de alfabetização na língua materna, de uma escola de idiomas privada em Xaxim - SC. A coleta de dados foi realizada com 5 alunos, entre 22/04/2020 a 08/06/2020.

Devido ao fato de a OMS (Organização Mundial da Saúde) ter declarado

situação de pandemia por conta da Covid-19⁵, houve a suspensão de aulas presenciais e as atividades precisaram ser ministradas através de videoaulas. A turma escolhida para fazer a pesquisa da técnica *storytelling* é composta por crianças entre 5 e 6 anos, de regência da pesquisadora, sendo as aulas gravadas e os alunos as assistindo em suas residências.

Nas aulas com a técnica, foi utilizado o *Storytelling* em educação a distância (devorante Ead), com planejamento de começo, meio, fim, drama e conflito, conteúdo, para a técnica aproximar-se de uma situação de vida real. Nas aulas tradicionais, foram ensinado os vocabulários normalmente apenas utilizando uma imagem para a associação dos vocabulários propostos.

3 APRESENTAÇÃO E DADOS DE COLETAS

Neste capítulo serão apresentados os dados coletados, por meio de relatos dos pais, os quais estavam presente durante as videoaulas e observando as elas. O relato teve como objetivo melhor compreensão da técnica na utilização na aula de inglês as crianças. Nos relatos, ficou claro que a técnica facilita em todos os sentidos no aprendizado da língua inglesa e que ela atua como uma atividade lúdica.

3.1 Relatos

Seguem a seguir os relatos dos pais, enviados via áudio de WhatsApp e transcritos. Os nomes das crianças são fictícios:

1. Transcrição.

Relato 1: *João sempre foi um menino muito imperativo e difícil de lidar, principalmente para se concentrar e estudar . Ele é distraído e se dispersa com muita facilidade. Com esta pandemia piorou. Pra mim quanto mãe, conseguir que ele mantenha contato com os estudos e fizesse as atividades de inglês e da escola regular, havia comentado com você que ele não estava muito interessado ao curso de inglês e nas videoaula tinha dificuldade em parar e assistir toda ela. Quando você começou a usar a contação de história em suas videoaula, ele despertou um interesse as aulas que não estava tendo antes e com isso ele terminava as*

⁵ Doença causada pelo coronavírus, bem como o decreto nº 724, publicado pelo Governo do Estado de Santa Catarina.

videoaulas e continuava falando as palavras aprendida no dia. Durante as videoaula pude notar o entusiasmo com a história e ele querendo adivinhar o final e empolgado com a história e repetindo as palavras em inglês a hora que você falava durante a história, e enviei uma mensagem para você, parabenizando a aula com a contação de história que eu não tinha tido problema com o João em concentração e muito menos de querer fazer outra coisa ou se distrair durante os vídeos. Ele espera ansiosamente para a próxima vídeo aula toda semana e querendo saber qual história vai ser se vai ter animais que ele ama e acaba a aula e ele continua com as palavras aprendidas e não esquece notei na hora da atividade proposta eu não preciso mais auxiliar ele com as palavras e ele vai memorizando a história contada e lembra das palavras e faz a atividade sozinho, isso me facilitou na minha rotina, pois sei que a aula de inglês eu apenas preciso ligar o notebook ou colocar no celular e ir fazer minhas coisas, pois ele assiste e se vira, antes eu precisava ficar o tempo inteiro com ele se não ele se distraia e ia brincar e na atividade não lembrava de todas as palavras, pois não prestava atenção.

Fonte: A autora.

Relato 2: *Professora, estou lhe enviando as minhas observações das aulas da minha filha, o que notei de diferente se foi melhor ou não. Como tinha te falado, ela estava desmotivada com todas as aulas da escola e do curso de inglês, ela esta em casa o dia todo por causa desta pandemia, não pode brincar com os amigos do prédio, o apartamento só tem varanda, ela fica em casa com a babá e eu e o pai dela o dia inteiro fora estávamos com uma dificuldade para conciliar ela a fazer todas as tarefas da escola e do curso de inglês fazíamos a da escola que é obrigatório e quando chegava do curso de inglês ela não tinha mais vontade e estava cansada e não aproveitava muito da aula. Quando você contou uma história na aula, ela ficou ansiosa e surpresa, mas amou na próxima semana. Notei que ela queria assistir a aula logo pra ver que história ia ser e que personagens ia ter, coisa que antes não tinha esse entusiasmos como tem agora. Toda semana ela deixa de lado as tarefas da escola para ver a história que terá na aula de inglês. Ela já gostava de você e agora então que se vestiu de Minnie ela ama a teacher. Ela está com uma facilidade nas palavras em inglês que você passa no dia, durante as atividades vi que ela fala mais as palavras em inglês. Pode mandar mais assim que*

eu assisto junto e aprendo também.

Fonte: A autora.

Relato 3: *Maria nunca teve dificuldade no inglês, a iniciativa dela em começar o inglês foi dela. Ela via o mano falando inglês nos jogos e ela joga também e queria aprender também para jogar. Assistia todas as aulas que você enviava e fazia todas as tarefas encaminhadas. Ela mesmo coloca o vídeo e assiste sozinha. Sempre foi independente. Você contou uma história na aula, ela saiu do quarto toda feliz e ansiosa me contou toda a história que você contou. Ela falou umas palavras em inglês e toda feliz contando pra mim, na aula seguinte a mesma coisa: terminou o vídeo e ela veio me contar tudo sobre a aula e o que ela tinha aprendido. Meu marido fez compras no mercado e chegou em casa ela foi ver se tinha comprado alguma coisa pra ela comer olhou o Tridend falou a cor em inglês, o pote de Nescau a cor em inglês e assim foi indo. Ela está mais interessada no inglês do que ela já era e ela está falando mais palavras em inglês durante o dia.*

Fonte: A autora.

Relato 4 : *Amigaaaaaa, como teacher sabe que sempre gostei do seu trabalho e a ela também com a Peacher chique igual ela diz, tu sabe que eu cobro bastante ela como sou teacher , mas com a pandemia ela não estava se adaptando com a vídeo aula, ela é muito de toque e de falar, então na vídeo aula ela não tinha os colegas e você na mesma sala no mesmo ambiente e estava desanimada, mas assistia todas as aulas. Com o storytelling deixou a aula mais dinâmica e ilustrativa e o desânimo dela não tinha mais, pois sempre queria saber o que a Peacher ia contar na próxima aula, nas atividades notei que não precisava mais ajudar ela como ajudava antes. Ela está se virando mais, não me pede qual palavra que é esta em inglês mesmo ou algo do tipo ela memoriza mais fácil com a história, pois entra em um contexto e facilita na aprendizagem dela.*

Fonte: A autora.

Relato 5: *Isabela tem dificuldades no inglês como você sabe coisas simples tinha que retomar muitas e muitas vezes para ela compreender. Com a história, ela está com mais facilidade com a aprendizagem do inglês o que antes tinha que retomar muitas vezes com a história ela presta mais atenção e fica interessada em aprender e das muitas vezes que foi contado a historia não precisou ser retomado na*

atividade eu via ela sabia e tinha realmente compreendido, tanto que nas atividades que as professoras da escola mandam eu mesma estou explicando pra ela as matérias em forma de historia e isto está facilitando muito.

Fonte: A autora.

4 ANÁLISE DE DADOS

Com base nos relatos enviados, procedeu-se uma análise, buscando-se refletir sobre elementos evidenciados quanto as contribuições do *storytelling*.

De modo geral, os relatos indicaram que a técnica é bastante positiva, mostrando que é válido investir em um aprendizado com o uso de histórias. Um livro, traz muita motivação e não deixa de lado o seu principal interesse que é transmitir aprendizagem e conhecimento. Nota-se que algumas crianças tinham dificuldade em concentração e pouco interesse, porém foi perceptível uma diferença significativa na concentração de todos os alunos.

O *storytelling* trouxe os alunos para mais próximo do que estava sendo estudado, gerou interatividade e contextualizou o ensino da LI. Colocou-os, mesmo longe fisicamente, como um sujeito ativo e participativo durante a aprendizagem e não simplesmente receptor passivo de conteúdos.

A técnica *storytelling* deu um auxílio para a aprendizagem da língua inglesa aos alunos, o interesse deles e a ansiedade para a próxima aula deixou isso bem claro. A técnica auxilia e traz esse interesse por vários motivos. Segundo Ray e Seely (2003) um dos deles é a importância de atividades na sala de aula que se tornem consideráveis aos alunos e que trazem melhora a aprendizagem de LE.

O método proporcionou e forneceu uma atividade lúdica significativa e melhorou o envolvimento dos alunos, tornando a assimilação dos vocabulários algo simples e rápido, estruturas e atividades simples e sem o auxílio dos pais. Teve um foco grande do uso dos vocabulários durante o dia a dia, trouxe aos estudantes uma oportunidade de interação comunicativa real, mesmo não estando em sala de aula. Segundo RAY; SEELY, (2003): “[...] atividades do aqui e agora que envolvem uso espontâneo da língua estrangeira, linguagem da sala de aula, etc”.

A *storytelling* trouxe aos alunos uma assimilação natural dos vocabulários como a história tem um contexto e jogar os vocabulários em inglês escolhidos no

meio deste contexto deixa mais fácil a compreensão das palavras o tornando natural o aprendizado, confirmando o que afirma Wright (1995, p. 4):

As histórias permitem uma repetição natural e agradável das palavras e expressões. Ao mesmo tempo em que oferecem oportunidades para variações inventivas através da relação das histórias com a própria vida e imaginação dos aprendizes (WRIGHT 1995, p. 4).

Os alunos tiveram uma melhora no processo de aprendizado, porque a técnica traz o lúdico, por tanto o aluno brinca e age entusiasticamente, corroborando as teorias de Vigotsky (2007):

[...] a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamados de brinquedo. [...] no brinquedo a criança é livre para determinar suas próprias ações. A essência do brinquedo é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual – ou seja, entre situações no pensamento e situações reais (Lev Vigotsky 2007, p. 108).

Alunos dessa idade precisam de situações reais para que o aprendizado se torne mais simples e agradável, uma história os leva a situações reais, contos fazem parte do cotidiano de qualquer criança. A técnica deu significado aos alunos.

Coelho (1991) ressalta que, após a contação as histórias continuam na mente da criança e são incorporadas ao pensamento como alimento de sua imaginação criadora. Nelly (2000) também fala da importância das atividades após a história contada que ajudam a digerir esse “alimento” como ela chama. Então a história age como um empurrão a criatividade e manifesta-se expressivamente.

Notou-se o quanto isso faz sentido através dos relatos dos pais, pois antes os alunos precisavam de ajuda constantemente nas atividades após a explicação dos vocabulários. E nas aulas com a técnica *storytelling*, os alunos tiveram uma grande facilidade em fazer estas atividades sem o auxílio dos pais, pois estavam ainda com a história em sua mente, facilitando a memorização e compreensão do conteúdo proposto.

Percebe-se que, ao interagir na aula mesmo sendo on-line, eles permitiram-se ampliar de forma natural o seu conhecimento com os vocabulários ensinados, expandindo seu conhecimento.

As histórias contadas apresentavam uma repetição natural dos vocabulários propostos, o que auxiliou os alunos a se lembrarem dos detalhes. Eles aprenderam

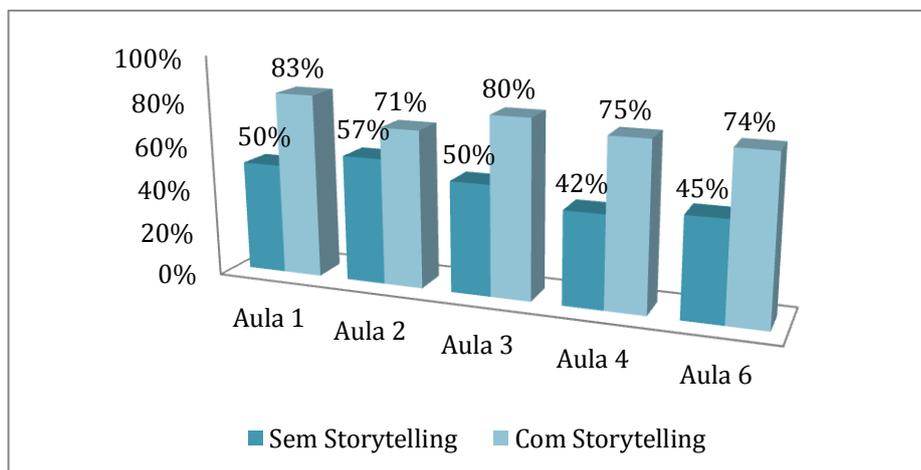
e compreenderam, conseguindo antecipar o que aconteceria no desenrolar da história até mesmo antes da *teacher* seguir contando-a.

Após o início da técnica, foi possível perceber que as crianças elevaram sua autoestima, principalmente os que tinham uma dificuldade com o aprendizado e estavam desanimados nas aulas. A técnica trouxe essa motivação e possibilitou os alunos a terem mais interesse.

Para confirmar a aquisição do vocabulário, foi realizada coleta de informações, comparando dados de aprendizado com a técnica *storytelling* e sem a técnica:

Abaixo de cada gráfico segue a evolução de cada aluno:

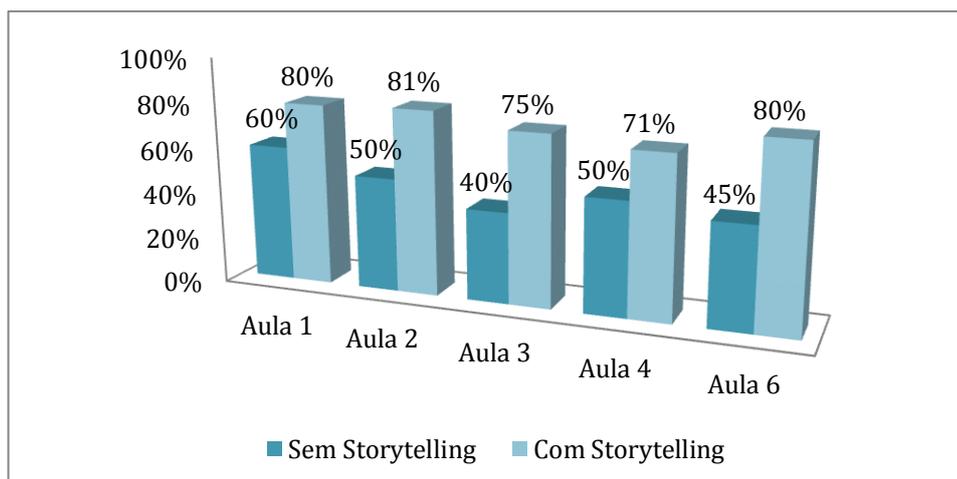
Gráfico 1: Evolução do Aluno 1



Fonte: autoria própria

Através dos dados, é possível verificar que os vocabulários aprendidos durante a técnica foram superiores às aulas tradicionais, já que em uma só aula o aluno conseguiu acertar 83 % das palavras propostas dentro da história, enquanto na aula sem a técnica teve um acerto de 50% dos vocabulários, o que leva a concluir que o estudante se sentiu mais confiante e motivado a participar das aulas e houve também um avanço em sua aprendizagem na língua.

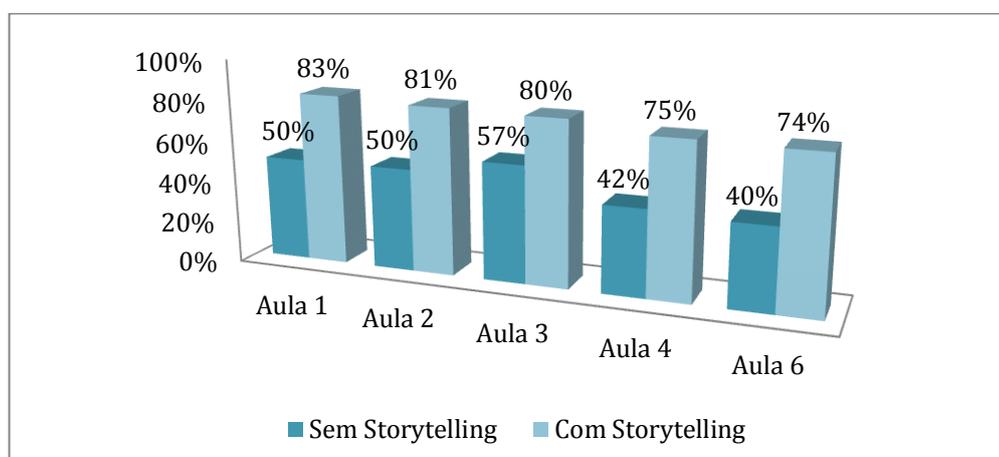
Gráfico 2: Evolução do Aluno 2



Fonte: autoria própria

Os dados relativos pelo Aluno 2 demonstram o nítido desempenho dele com a técnica. Observa-se a evolução na aquisição dos vocabulários nas aulas com *storytelling* em relação às aulas sem a técnica.

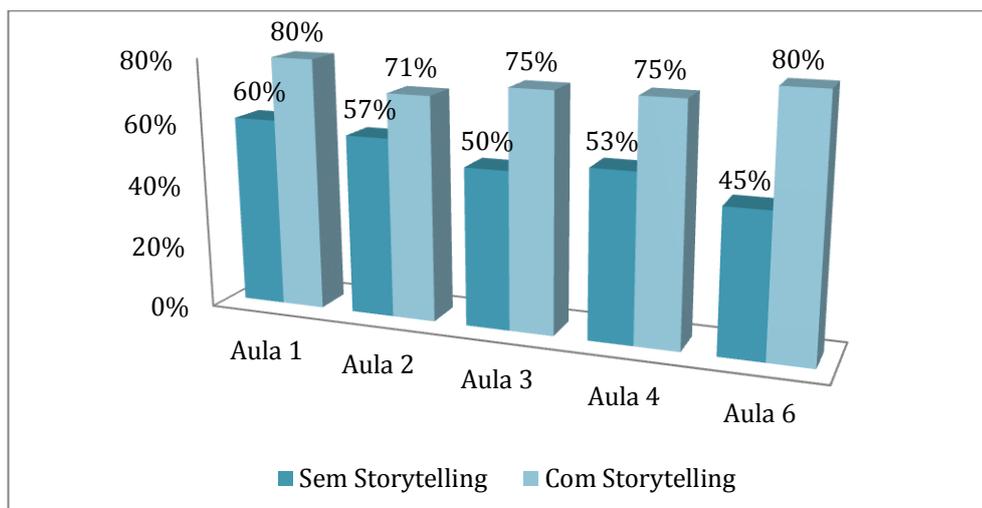
Gráfico 3: Evolução do Aluno 3



Fonte: autoria própria

Verificou-se também uma eficácia nas aulas com a técnica *storytelling* com o aluno 3. Além disso, como registrado nos relatos, o estudante ganhou confiança, vontade e motivação para realizar as atividades solicitadas. O relato também indicou que ele se sentiu mais confiante para utilizar a língua inglesa em seu dia a dia e não tem mais uma resistência em assistir as videoaulas, necessárias para a aprendizagem.

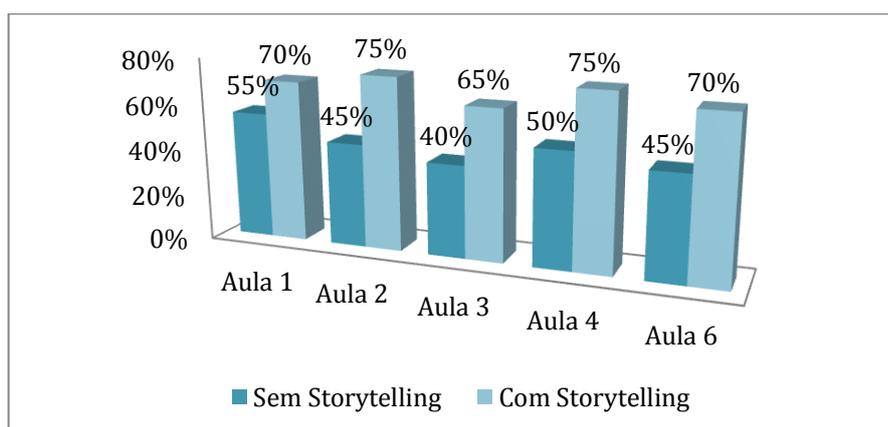
Gráfico 4: Evolução do Aluno 4



Fonte: autoria própria

Como o gráfico nos mostra, a aprendizagem dos vocabulários propostos cresceu significativamente, indicando que a técnica auxiliou no desenvolvimento no aluno. Sua motivação para o uso da língua inglesa cresceu. A participação do aluno as videoaulas e realização as atividades encaminhadas melhorou. A técnica facilitou a memorização e atenção do aluno durante as aulas, criando autonomia em fazer as atividades sem o auxílio dos pais. Em uma só aula o aluno acertou 80% dos vocabulários propostos.

Gráfico 5: Evolução do Aluno 5



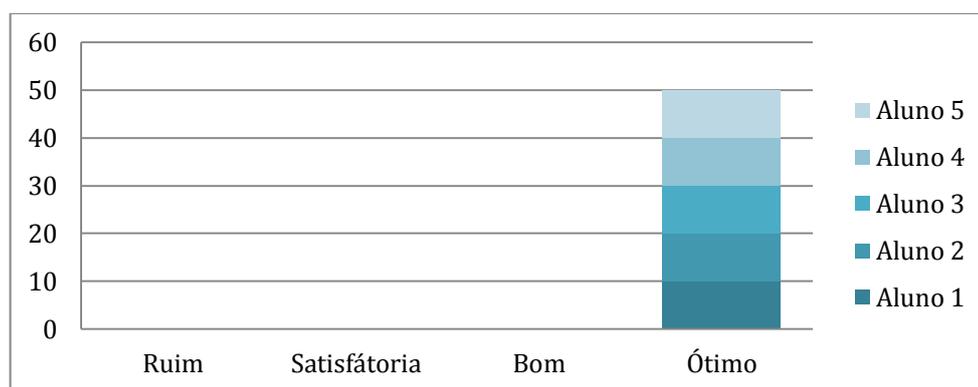
Fonte: autoria própria

Da mesma forma que os demais gráficos, este último nos revela o “baixo rendimento” com as aulas tradicionais em comparação com as aulas nas quais foi

usada a técnica foco deste estudo. Não afirmando aqui a ineficácia das aulas tradicionais sem uso da contação de história, mas reforçando a veracidade dos estudos teóricos frente ao *storytelling* como ferramenta de ensino de ótimo resultado.

Para finalizar, questionados se gostaram ou não da técnica, os alunos responderam:

Gráfico 7: Nível de satisfação com a técnica



Fonte: autoria própria

Considerando que todos os alunos responderam “ótimo” para a pergunta, a resposta demonstra o nível de satisfação com a técnica.

5 CONCLUSÃO

Apresentamos neste artigo o apoio que a técnica *storytelling* é capaz de oferecer para o ensino/aprendizagem da LE, também a sua importância do uso da técnica para alunos ainda não alfabetizados na língua materna.

Buscamos apresentar os resultados da aplicação desta técnica no ensino/aprendizagem de inglês para crianças de 5 e 6 anos na escola privada em Xaxim - SC.

O ensino da LE para a idade proposta exige reflexões sobre o desenvolvimento cognitivo e como expandir o conhecimento dos alunos. Foi procurado estimular as crianças a aprender e melhorar seu desempenho com a LI com o uso do *storytelling* de forma lúdica e produtiva.

A elaboração deste artigo proporcionou a oportunidade de se aprofundar na estratégia de ensino com *storytelling* como uma ferramenta pedagógica importante

para o ensino/aprendizado da LI para os alunos.

O objetivo geral deste artigo foi facilitar o aprendizado dos alunos a LI, motivá-los e trazer um interesse as aulas devido a pandemia, tornando as aulas mais atrativas e interessantes dando significado aos alunos.

Os resultados mostraram o avanço que a técnica trouxe aos alunos, pois além dos alunos fixarem os vocabulários mais facilmente, o uso do recurso ajudou na concentração, participação e interesse dos alunos nas videoaulas.

STORYTELLING AS A PEDAGOGICAL TEACHING RESOURCE IN THE ENGLISH LANGUAGE TEACHING / LEARNING PROCESS FOR CHILDREN 5 AND 6 YEARS OLD IN PRIVATE SCHOOL IN XAXIM – SC

Abstract: This study aims to research the importance of storytelling technique in teaching / learning the English language to children who are not literate in their mother tongue, not only as a learning tool, but also as a source of entertainment and information. The article presents aspects of didactics in the teaching of the English language to children aged 5 to 6 years collected through experience reports using storytelling in video classes at a private language school in Xaxim-SC. The results obtained showed the difference in the concentration and participation of the students, better fixation of the presented vocabulary and a greater interest in the target language.

Keywords: Storytelling; foreign language; pedagogical resource;

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V.T. **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores.** 4. ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

BRITO, K. S. **Influências interlinguísticas na mente multilíngue: perspectivas psicolinguísticas e (psico)tipológicas.** Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/27123/R%20-%20T%20-%20KARIM%20SIEBENEICHER%20BRITO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 maio, 2020.

BROWN, H. D. **Principles of Language Learning and Teaching.** Prentice Hall Regents, 1994.

BROWN, H. D. **Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy.** Addison Wesley Longman, Inc. White Plains, NY, 2001.

BUSATTO, C. **Contar e Encantar: Pequenos Segredos da Narrativa.** Patrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BARSKY, R. F. Noam Chomsky: **a Vida de um Dissidente.** São Paulo: Conrad, 2004

BREWSTER, J.G.; ELLIS & D. GIRARD. 2002. **The Primary English Teacher's Guid-** New Edition. London: Penguin.

CALLIGARIS, C. **Fadas no Divã.** Folha de SP Ilustrada, 13/10/2005

Cameron, L. **Teaching English to Young Learners.** Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

Cameron, L. **Challenges for ELT from the expansion in teaching children.** ELT Journal. 57/2: 05-112, 2003.

COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo.** São Paulo: Ática, 1991.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

DONATO, R. Collective Scaffolding in Second Language Learning. *In*: LANTOLF, J. P.; APPEL, G. (ed.). **Vygotskian Approaches to Second Language Research.** New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1994. p. 33-56.

Gerhardt, T.; Silveira, D. **Métodos de pesquisa.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 10 maio, 2020.

KHAN, J. **Using names in teaching English to young learners.** *In:* BRUMFIT, C.; Moon & R. Tongue (Eds.). **Teaching English to Children: from practice to principle.** Harlow: Longman, 1995.

LEITÃO, S. M. B. C. **Relatório de Estágio para obtenção do Grau de Mestre em Ensino de Inglês e de Espanhol no Ensino Básico.** Escola Superior de Educação de Bragança. Bragança, Portugal, 2014.

Luz, G. A. **O Ensino de Inglês para Crianças: Uma Análise das Atividades em Sala de Aula.** Dissertação de Mestrado. Goiânia, UFG, 2003.

MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. (Orgs.) **Disinventing and reconstituting languages.** Clevedon: Multilingual Matters, 2007.

McKay, P. **Assessing Young Learners.** Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MCKEE, R. **Story: estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro.** Curitiba: Arte & Letra, 2013. Tradução Chico Marés.

MOON, J. **Children Learning English.** Oxford: Macmillan, 1ªed. 2005.

OKSAAR, E. Mehrsprachigkeit, Sprachkontakt, Sprachkonflikt. *In:* NELDE, P. H. (Org.) **Sprachkontakt und Sprachkonflikt: Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik, Suplemento 32, 1980, p. 43 – 52.**

PAROT, F. **Algumas notas sobre as teorias da aquisição da linguagem: Piaget, Chomsky, Skinner.** Disponível em: http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/1928/1/1978_1_115.pdf. Acesso em: 4 maio, 2020.

PENNAC, D. **Como um romance.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PRIETO, H. **Quer ouvir uma história: Lendas e mitos no mundo da criança.** São Paulo: Angra, 1999. Col. Jovem Século XX

RAY, B.; SEELY, C. FluencyThroughTPR **Storytelling. Command Performance Language Institute.** Berkley, CA, 2003.

SANTOS, L. I. S. **Professor de língua estrangeira para crianças: conhecimentos teórico-metodológicos desejados.** Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tla/v48n2/10.pdf>. Acesso em: 10 maio, 2020

SCOTT, W. A.; YTREBERG, L. H. **Teaching English to Children.** London: Addison Wesley Publishing Company, 1990.

VYGOTSKY, L. S **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 7 ed. In: COLE, Michael; JOHN-STEINER, Vera; SCRIBNER, Sylvia e SOUBERMAN, Ellen. (orgs). Trad. José Cipolla-Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WRIGHT, A. **Storytelling with Children**. New York: Oxford, 1995.

WRIGHT, A. **Creating Storytelling with Children**, New York: Oxford, 1997.